

## Shakespeare em tradução

*Renata Cordeiro*

### SONETO 5

As horas<sup>1</sup> que, gentis, moldaram com destreza  
O adorável olhar, de olhares atraente,  
Do próprio, vão tirar, tiranas, a beleza,  
Que a não-beleza vai exceder legalmente:  
Pois o Tempo não pára, e conduz o verão  
Ao horrível inverno, em que se torna nada,  
Gela a seiva, e, sem viço, as folhas já se vão,  
Sob neve, aqui e além, a beleza enterrada.  
Porém, se do verão o extrato não vivesse,  
Nas paredes de vidro, um líquido fechado,  
Se a beleza com seu efeito<sup>2</sup> se perdesse,  
Nada havia de ser da beleza lembrado.  
Mas a flor destilada, ao chegar a friúra,  
Perde o aspecto tão-só; a doce essência dura.<sup>3</sup>

SONNET 5

Those hours that with gentle work did frame  
The lovely gaze where every eye doth dwell  
Will play the tyrants to the very same,  
And that unfair which fairly doth excel:  
For never-resting Time leads summer on  
To hideous winter and confounds him there,  
Sap checked with frost, and lusty leaves quite gone,  
Beauty o'ersnowed and bareness everywhere.  
Then were not summer's distillation left  
A liquid prisoner pent in walls of glass,  
Beauty's effect with beauty were bereft,  
Nor it nor no remembrance what it was.  
    But flowers distilled, though they with winter meet,  
    Leese but their show; their substance still lives sweet.

## SONETO 6

Não vá desfigurar o rude inverno em ti  
O verão, sem que já te tenhas destilado:  
Põe a essência num frasco;<sup>4</sup> entesoura-te ali,  
Com o Belo tesouro, estando inda animado:  
Pois tal uso<sup>5</sup> não é a interdita usura,<sup>6</sup>  
Quem emprestado toma, alegre paga e fica;  
Pois é da tua raça a tua criatura,  
Se por dez, a alegria, ao final, decuplica;  
Dez vezes mais ainda alegre ficarias,  
Se em dez seres teus, tu então te refletisses;  
Pois na tua partida, a morte que faria,  
Se nos teus filhos tu vivesses, existisses?<sup>7</sup>  
    Não te obstines. Não hás de querer ser, faceiro,  
    Da morte o orgulho, e ter os vermes por herdeiros.

SONNET 6

Then let not winter's ragged hand deface  
In thee thy summer ere thou be distilled:  
Make sweet some vial; treasure thou some place  
With beauty's treasure ere it be self-killed:  
That use is not forbidden usury  
Which happies those that pay the willing loan;  
That's for thyself to breed another thee,  
Or ten times happier be it ten for one;  
Ten times thyself were happier than thou art,  
If ten of thine ten times refigured thee;  
Then what could death do if thou shouldst depart,  
Leaving thee living in posterity?  
    Be not self-willed, for thou art much too fair  
    To be death's conquest and make worms thine heir.

SONETO 7

Vê, quando no oriente a linda luz ascende  
Sua cabeça a arder, revendo-lhe a chegada  
O olhar de cada qual homenagem lhe rende,  
Servindo, assim, a tal majestade sagrada;  
Já no topo dos céus escarpados demais,  
Qual homem com vigor na idade mediana,  
Sua beleza inda é benquista dos mortais,  
Que lhe escoltam a tão dourada caravana:  
Mas quando, do alto, seu veículo cansado,  
Qual débil velho, vai abandonando o dia,<sup>8</sup>  
Cada olhar (infiel agora), está voltado  
Para baixo, e se põe a entrever outra via:  
Também declinarás, co' o sol não mais a pino,  
Sem que te olhem, se não tiveres um menino.<sup>9</sup>

SONNET 7

Lo, in the orient when the gracious light  
Lifts up his burning head, each under eye  
Doth homage to his new-appearing sight,  
Serving with looks his sacred majesty;  
And having climbed the steep-up heavenly hill,  
Resembling strong youth in his middle age,  
Yet mortal looks adore his beauty still,  
Attending on his golden pilgrimage:  
But when from highmost pitch, with weary car,  
Like feeble age he reeleth from the day,  
The eyes ('fore duteous) now converted are  
From his low tract and look another way:  
    So thou, thyself out-going in the noon,  
    Unlook'd on diest unless thou get a son.

## SONETO 8

Ó música, por que te escutas com tristura?  
O doce ama a doçura, o alegre ama a alegria:  
E por que amas tu só o que te traz amargura,  
E acolhes com prazer o que só te entedia?  
Se a concórdia dos sons justamente afinados,  
Casados, num enlace, ofende os teus ouvidos,  
Censuram-te com trino, e deixam misturados  
O que, solteiro, tu devias ter unido.  
Vê: uma corda, doce, a outra corda esposa,  
Tocam-se, cada qual, de maneira alternante,  
Assim como o senhor, o filho e a mãe ditosa,  
Que entoam uma nota amável, acordante:  
Múltipla, una, sem palavras, a balada  
Canta-te: "Ficarás solteiro, serás nada."<sup>10</sup>

SONNET 8

Music to hear, why hear'st thou music sadly?  
Sweets with sweets war not, joy delights in joy:  
Why lov'st thou that which you receiv'st not gladly,  
Or else receiv'st with pleasure thine annoy?  
If the true concord of well-tuned sounds,  
By unions married do offend thine ear,  
They do but sweetly chide thee, who confounds  
In singleness the parts that thou shouldst bear.  
Mark how one string, sweet husband to another,  
Strikes each in each by mutual ordering,  
Resembling sire, and child, and happy mother,  
Who all in one, one pleasing note do sing:  
    Whose speechless song, being many, seeming one,  
    Sings this to thee, "Thou single wilt prove none."

*Romeu e Julieta*, Ato II, Cena II  
O Jardim dos Capuletos  
Sob a Janela dos aposentos de Julieta

(Entra Romeu)

ROMEU. – Ri-se das mágoas quem jamais foi ferido! (*Percebendo que Julieta assoma a uma janela*) Porém, silêncio! Que luz rebrilha por aquela janela? É o Nascente, e Julieta é o Sol! Levanta-te, brilhante Sol, e mata a lua ciumenta, que já desmaia e empalidece de dor, porque tu, que és sua serva, és mais linda do que ela! Não lhe sirvas mais, já que assim ela tem ciúmes de ti; a sua libré de vestal é doentia e pálida, e só as tolas a vestem: rejeita-a!... É a minha dama! Oh! É o meu amor! Oh! Se ela o soubesse! E que diz? Nada... Cala-se... Mas não; os seus rútilos olhos falam, e vou responder-lhes... Como sou atrevido; não é a mim que se dirigem. Duas das mais lindas estrelas do céu, tendo o que fazer noutra parte, pedem aos seus olhos que resplandeçam dentro das suas órbitas, até que voltem. Ah! Se as estrelas tomassem o lugar dos seus olhos, ao mesmo tempo que os seus olhos tomassem o das estrelas, o simples fulgor das suas faces ofuscaria a claridade dos astros, como o dia radioso ofusca a de uma lâmpada; e os seus olhos, do alto do céu, haveriam de dardejar tamanha luz através das regiões aéreas, que os pássaros cantariam, crendo que a noite já não existia! Vede como apoia a face sobre a mão! Oh! Por que não sou eu a luva daquela mão!? Eu lhe tocaria a face!

JULIETA. – Ai!

ROMEU. – Fala! Oh! Fala mais, anjo resplandecente! Por que brilhas nesta noite, acima da minha cabeça, como o alado mensageiro do céu, quando, sob os olhos maravilhados dos mortais que se voltam para o alto a fim de contemplá-lo, ele cavalga as imensas e vagarosas nuvens e voga acima dos ares, no incomensurável espaço!?

JULIETA. – Ó Romeu! Romeu! Por que és tu Romeu? Renega teu pai e abdica do teu nome; ou, se não o quiseres, jura amar-me, e eu não mais serei uma Capuleto.

ROMEU (*à parte*). – Devo eu escutá-la ainda ou responder-lhe?

JULIETA. – Só o teu nome é meu inimigo. Mas não és um Montéquio, tu és tu mesmo! Que é ser um Montéquio? Não é nem mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem qualquer coisa que faça parte de um homem... Oh! Sê algum outro nome! Que há de mais num nome? Aquilo a que chamamos rosa teria o mesmo perfume sob um outro nome. Assim, quando Romeu não mais se chamasse Romeu, conservaria ainda as queridas perfeições que agora possui... Romeu, renuncia ao teu nome; e, no lugar dele, que não faz parte de ti, toma-me toda inteira.

ROMEU. – Tomo-te a palavra! Chama-me somente teu amor, e eu recebo um novo batismo: desde então eu já não sou Romeu.

JULIETA. – Que homem és tu que, assim escondido pela noite, acabas de descobrir o meu segredo?

ROMEU. – Não sei por que nome te hei de dizer quem sou. O meu nome, querida santa, me é, a mim próprio, odioso, já que ele é para ti um inimigo: se eu o tivesse escrito, rasgaria as palavras.

JULIETA. – Os meus ouvidos não acolheram ainda cem palavras proferidas por essa voz, e no entanto eu lhes reconheço o som. Não és tu Romeu, e um Montéquio?

ROMEU. – Nem um nem outro, linda donzela, se é que detestas um e outro.

JULIETA. – Como chegaste aqui, dize-mo? E com que finalidade? Os muros do jardim são altos e difíceis de galgar. Considera quem tu és: este lugar é a morte, se um dos meus parentes aqui te encontrar.

ROMEU. – Com as asas ligeiras do amor, escalei esses muros, porque não há pedra que impeça o amor, e o que o amor pode,

o amor ousa tentar; é por isso que os teus parentes não são um obstáculo para mim.

JULIETA. – Se eles te virem, te hão de matar.

ROMEU. – Ai! Há mais perigo para mim nos teus olhos do que em vinte das suas espadas: que o teu olhar me seja suave, e eu me protejo dos inimigos.

JULIETA. – Por nada no mundo, gostaria que eles aqui te vissem.

ROMEU. – Tenho o manto da noite para me subtrair à sua vista. Aliás, se tu não me amas, melhor será que me encontrem aqui! Prefiro ver a minha vida acabada pelo seu ódio à minha morte adiada sem o teu amor.

JULIETA. – Qual foi, portanto, o guia que tiveste para chegares até aqui?

ROMEU. – O amor foi quem primeiro me sugeriu que aqui viesse; ele me emprestou o seu espírito e eu lhe emprestei os meus olhos. Não sou um piloto; mas se estivesses a distância igual à da vasta praia banhada pelo mais longínquo mar, eu me arriscaria a singlar até lá em busca de tamanho tesouro.

JULIETA. – Sabes que a máscara da noite cobre o meu rosto; sem ela tu verias um matiz róseo a colorir a minha virginal face, quando penso nas palavras que me fizeste ouvir nesta noite. Ah! Queria ser correta; gostaria, gostaria de renegar o que disse. Mas, adeus às cerimônias! Tu me amas? Sei que vais dizer *sim*, e acreditarei na tua palavra. Não jures: poderias faltar ao teu juramento: os perjúrios dos amantes fazem – diz-se – Júpiter rir... Oh! Gentil Romeu, se me amas, declara-o lealmente: e se acreditares que eu me deixei tão depressa entregar, serei má e cruel, e te direi para que *não* me faças a corte: de outra forma, nada me decidiria, belo Montéquio, estou muito enamorada, e tu poderias considerar leviano o meu comportamento; mas acredita-me, cavalheiro, eu me mostrarei mais fiel do que aquelas que melhor sabem fingir reserva. Poderia ser mais reservada, é necessário que o afirme, se

tu não tivesses provocado, sem eu o perceber, a apaixonada confissão do meu amor: perdoa-me, pois, e não imputes a uma leviandade de amor essa fraqueza que a escura noite te revelou.

ROMEU. – Senhora, juro por essa lua sagrada que prateia todos os cimos carregados de frutos!...

JULIETA. – Oh! Não jures pela lua, que é inconstante e muda a cada mês, para que o teu amor não se torne também variável!

ROMEU. – E pelo que devo eu jurar?

JULIETA. – Simplesmente não jures; ou, se o quiseres, jura pelo teu ser gracioso, que é o deus da minha idolatria, e acreditarei em ti.

ROMEU. – Se o amor profundo do meu coração...

JULIETA. – Ah! Não jures! Ainda que tu faças a minha alegria, não posso sentir nesta noite todas as alegrias da nossa aproximação; foi muito brusca, muito imprevista, muito súbita, muito semelhante ao relâmpago que cessou de o ser antes que se pudesse dizer: brilha!... Doce amigo, boa noite! Esse botão de amor, amadurecido pelo orvalho do verão, poderá tornar-se uma bela flor, em nosso próximo encontro... Boa noite, boa noite! Possa o repouso, possa a deliciosa serenidade que trago dentro do peito, chegar ao teu coração!

ROMEU. – Oh! Vais então deixar-me tão pouco satisfeito?

JULIETA. – Que satisfação podes tu obter nesta noite?

ROMEU. – A solene jura do teu amor pela jura do meu.

JULIETA. – A jura do meu amor! Eu te dei a minha antes que tu a tivesses pedido. E no entanto, gostaria ainda de ter que dá-la a ti.

ROMEU. – Gostarias de negá-la? E por que razão, meu amor?

JULIETA. – Só para ser generosa e dá-la a ti novamente. Mas só desejo uma felicidade que já tenho: a minha afeição é tão ilimitada quanto o mar, e o meu amor tão profundo: quanto mais eu te dou, mais me resta, porque uma e outro são infinitos. (*Ouve-se a voz da ama*) Já vou, minha boa ama!... Doce Montéquio, peço

que sejas fiel. Aguarda um pouco, já volto. *(Ela se retira da janela)*  
ROMEU. – Ó celestial, celestial noite! Temo, já que é noite, que tudo não passe de um sonho, deliciosamente encantador para ser real.

#### Julietta volta

JULIETA. – Três palavras ainda, querido Romeu, e boa noite, desta vez! Se é honrosa a intenção do teu amor, se o teu objetivo é o casamento, faze-me saber amanhã, pela pessoa que eu encarregarei de aproximar-se de ti, em que lugar e a que horas tu queres que se cumpra a cerimônia, e então porei aos teus pés todo o meu destino, e te seguirei, meu senhor, até o fim do mundo!

A AMA *(de dentro)*. – Minha senhora!

JULIETA. – Já vou! Neste instante! Mas se não tens boas intenções, eu te rogo...

A AMA *(de dentro)*. – Senhora!

JULIETA. – Um instante! Já vou... que acabes com a insistência e que me deixes com a minha dor... Mandarei amanhã...

ROMEU. – Pela salvação da minha alma...

JULIETA. – Mil vezes boa noite! *(Ela sai da janela)*

ROMEU. – A noite ficará mil vezes mais triste, depois que a tua luz me faltar... *(Começa a retirar-se a passos lentos)* O amor corre para o amor como os alunos correm dos livros; mas o amor se afasta do amor, como os alunos vão para a escola de olhos afligidos.

#### Julietta reaparece na janela

JULIETA. – Pst! Romeu! Pst!...Oh! Que eu não tenho a voz do falcoeiro para tornar a chamar o meu nobre falcão-macho!! Mas a cativa é rouca e não pode falar alto: sem o que eu abalaria a

caverna onde Eco dorme, e a sua voz aérea se enrouqueceria mais depressa do que a minha, de tanto que lhe faria repetir o nome do meu Romeu!

ROMEU (*voltando*). – É a minha alma que chama pelo meu nome. A voz da bem-amada tem à noite som de prata! Que suave música aos ouvidos atentos!

JULIETA. – Romeu!

ROMEU. – Minha amada?

JULIETA. – A que horas, amanhã, mandarei procurar por ti?

ROMEU. – Às nove horas.

JULIETA. – Não faltarei: passarão vinte anos de agora até lá. Esqueci-me por que te chamei.

ROMEU. – Deixa-me ficar aqui até que te lembres.

JULIETA. – Eu me esquecerei para que tu fiques aí sempre, a chamar por mim, só por gostar da tua companhia.

ROMEU. – E eu ficarei para que tu te esqueças sempre, esquecendo-me, eu mesmo, de que a minha morada é noutro lugar.

JULIETA. – Já é quase de manhã. Queria que tivesses partido, mas sem te distanciar mais do que o pássaro que uma criança brincalhona solta: ela o deixa voejar um pouquinho fora da sua mão, pobre prisioneiro enleado por atilhos, e depressa o recupera, puxando pelo fio de seda, de tanto que lhe inveja a liberdade.

ROMEU. – Quisera eu ser o teu pássaro!

JULIETA. – Amigo, também eu o quisera; mas eu te mataria de carícias. Boa noite! Boa noite! É tão doce a tristeza do adeus, que eu te diria: boa noite! até que o sol se levantasse. (*Ela se retira*)

ROMEU (*sozinho*). – Que o sono te permaneça nos olhos e a paz no coração! Por que não sou sono e paz, para repousar tão deliciosamente? Agora, vou à cela do meu pai espiritual, para pedir-lhe ajuda e contar-lhe a minha felicidade. (*Sai*)

## NOTAS

- 1 As horas são tomadas, aqui, no sentido amplo de tempo. Na origem, as Horas eram as divindades gregas, filhas de Zeus e Têmis, e irmãs das Moiras, que representavam as Estações do Ano, e que, na condição de deidades naturais, asseguravam o equilíbrio da vida em sociedade. No livro *II* das *Metamorfoses* de Ovídio – Ovídio, a quem Shakespeare qualificava de divino, nutrindo o desejo de se lhe igualar, fora traduzido, em versos rimados de catorze sílabas, por Arthur Golding em 1567 e o Bardo o citou amplamente nas suas obras –, as Horas, agora divindades latinas, ficam ao lado do trono do Sol, em cuja companhia também estão as Estações: “Vestido com um manto carmim, lá estava Febo,/No seu trono, faiscando de esmeraldas./À direita e à esquerda os Dias, os Meses, os Anos,/os Séculos e as Horas em espaços idênticos./A jovem Primavera estava lá, usando uma coroa de flores,/E o Verão nu, carregando braçadas de trigo,/E o Outono, manchado pela nódoa das uvas, e o Inverno, /Gélido, com sua cabeleira acinzentada.” Aliás, o próprio tema deste soneto e dos dois seguintes – o *homem e as estações* – é calcado nas *Metamorfoses*, sobretudo no livro *XV*, de que damos uma amostra: “Note as quatro estações do ano: elas se parecem com as nossas vidas. A primavera é a infância. (...) E então chega o verão, quando o ano parece ser um jovem forte.(...) Então vem o outono, um pouco sóbrio, mas maduro e suave. (...) E então o inverno, cambaleante, enregelado, calvo ou grisalho, velho”.
- 2 O seu produto: o filho.
- 3 “Mais ditosa, porém, é na Terra a rosa, cuja essência destilamos, do que aquela que, fanando-se no seu espinho virgem, cresce, vive e morre em solitária beatitude.” *O Sonho de uma noite de verão*, I, 1.
- 4 *Vial*, aqui também com o sentido de útero.
- 5 *Use, uso* no sentido sexual e também como *empréstimo*.
- 6 A atitude elizabetana sobre a usura era ambivalente. Embora o Estatuto de 1571 dissesse que “toda usura, sendo proibida pela lei de Deus, é pecado e detestável”, legalizou uma taxa de juros de 10%. Shakespeare joga, aqui, com a velha idéia, tomada da *Política* de Aristóteles, que afirmava que a usura não era natural, era quase um incesto (metal da mesma “família”), aludindo, simultaneamente, aos 10% de juros obtidos num investimento.
- 7 Há em *Vênus* e *Adônis*, algo semelhante: “Mesmo morto, tu hás-de, assim, sobreviver,/Pois vivo ficará o que de ti nascer”. (Tradução nossa).
- 8 Os versos de 6 a 10 aludem ao livro *XV* das *Metamorfoses* de Ovídio, em que se diz, por exemplo: “A juventude e a meia-idade escorregam depressa pela longa colina que nos leva à velhice, e todo o nosso vigor declina.” (Ver nota 1)
- 9 A composição, no original, termina por *son* (filho), quase homófono de *sun* (sol), que é o tema do soneto, embora essa palavra não seja citada uma vez sequer.
- 10 No final do último verso, Shakespeare joga com o provérbio “one is no number”, que equivale ao ditado português “não há um sem dois”. A origem do provérbio inglês provavelmente remonta à *Metafísica* de Aristóteles, em que o “Um” não é considerado número, mas começo ou princípio de número. As obras aristotélicas faziam parte dos currículos acadêmicos da época e talvez “one is no number” se tenha tornado um provérbio, porque cabia muito bem como exortação ao casamento. Em *Hero e Leandro* de Marlowe, Leandro usa o ditado para tentar seduzir a moça: “One is no number,/ Maids are nothing then/Without the sweet society of men”, que poderia ser assim adaptado: “Não há um sem dois,/Logo, as donzelas são nada/Se não forem desposadas”. Vale lembrar que em várias obras suas,

CORDEIRO, Renata. *Shakespeare em tradução*

Shakespeare joga com o provérbio, como o faz aqui neste soneto, a exemplo de *Romeu e Julieta*, I, 2: “Which on more view of many, mine, being one,/May stand in number, though in reckoning none”, que Barbara Heliodora assim traduziu: “Entre muitas, a minha comparece/É uma, verifique o que merece”. (O contexto é: Páris quer desposar Julieta, então Capuleto, que vai dar uma festa, o convida para que o rapaz tenha certeza de que é isso que realmente deseja; a festa contará com a presença de várias donzelas, dentre as quais Julieta. Páris, então, escolherá a sua futura esposa. Se Julieta for a escolhida será *uma*, pois casando-se, ela e ele formarão *dois*; caso contrário, não sendo escolhida, Julieta será *nada*). Também no Soneto 36, por exemplo, a idéia está presente: “Let me confess that we two must be twain,/Although our undivided loves are one”/“Deixa-me confessar: seremos sempre dois,/Ainda que o individo amor seja um só”, bem como em *A Fênix e a Rola*: “So they loved as love in twain/Had the essence but in one,/Two distincts, division none,/“Number there in love was slaim”, “Tanto se amavam, com duplo amor,/“Na essência, porém, eram tão-só uma,/“Distintas, mas sem divisão alguma, /“Nelas, matava o número esse amor”. Há quem pense que se alude a “one and none is all one”, em que “one” é considerado *insignificante*. Porém, por ser tratar de um provérbio romeno, que encontramos no *The English-Romanian dictionary of proverbs*, usado sobretudo nas igrejas batistas, acreditamos, dadas as circunstâncias em que foi produzido o soneto, que não foi a esse provérbio que o Bardo aludiu.